

Deleuze & Guattari: a criação do novo I



Este é o primeiro de dois números subsequentes que registram algumas pesquisas e trocas entre pesquisadores e pesquisadoras vinculados ao Grupo de Trabalho Deleuze/Guattari da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. Mais especificamente, estes números consistem em uma expressão – parcial – do *VI Encontro Nacional do GT Deleuze da ANPOF: “Deleuze & Guattari: a criação do novo”*, ocorrido entre os dias 7 e 11 de outubro de 2019, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, RJ, e que contou com quase cem conferencistas em sua programação – membros e não-membros do GT, das mais diferentes áreas de conhecimento – e apoio da FAPERJ.

Aproveitamos, desde já, para agradecer a todas e todos que participaram do encontro, apresentando trabalhos ou não. Agradecemos também àquelas e àqueles que acompanharam os editores deste número na composição da comissão organizadora: Viviana Ribeiro, Letícia Decarli, Daniela Magioli, Henrique Bittencourt, Ivan de Angelis, Maurício Rocha, Frederico Lemos e Pedro Albuquerque.

Gostaríamos ainda de observar que foi durante esse encontro que o GT Deleuze se tornou GT Deleuze/Guattari. Para além de um falso problema relacionado ao reconhecimento, tal inclusão do nome de Guattari talvez tenha seu principal valor em favorecer de mais um modo – pois isso nunca esteve ausente – a necessidade vital de voltarmos a atenção para a incontornável conexão entre o que estamos em vias de pensar, escrever, fazer filosoficamente, academicamente, na universidade, como professores e pesquisadores, e aquilo que o mesmo Guattari diagnosticava como sendo

da ordem de uma tripla devastação, ao mesmo tempo social, ambiental e subjetiva, onde pode se proliferar como uma praga, dentre tantas outras pragas!, o fascismo, no sentido de uma economia-política da violência e da morte.

Assim sendo, tudo o que desejamos com esse número poderia ser dito a partir de uma distinção feita certa vez por Deleuze entre duas maneiras de conceber o movimento. Por um lado, há aquela que prevê um ponto de partida para detonar o movimento: como no lançamento de peso ou, poderíamos supor, como os intelectuais que pretendem ser os últimos bastiões da Razão, do ideal civilizatório, prontos para denunciar as ilusões (sempre as dos outros), e mostrar o caminho correto do movimento, seja ele político, ético, estético, filosófico, científico...

Por outro lado, há um movimento em que todo o esforço se dá para entrar, compor, com um movimento preexistente. É o caso de um surfista em relação com a onda e, por que não?, poderia ser também o de intelectuais, professores, estudantes e pesquisadores interessados no vínculo de nossas práticas e dos conceitos que cultivamos com as ondas de resistência que já existem por toda parte.

É tudo o que poderíamos desejar para as ideias de Deleuze e Guattari relançadas neste número.

Mariana de Toledo Barbosa, Rodrigo Guéron & Vladimir Moreira Lima
Editores Convidados do Número Temático